

— Tomé, em vão temos procurado auxiliar-te na cura. Atende ao teu caso organico, enquanto é tempo, porque teu corpo está dominado pela morfeia nervosa.

Colavida fêz-se palido e esforçou-se por não caír, ali mesmo, fulminado pelo diagnostico doloroso.

Suspenderam-se as preces, sob forte emoção.

No dia imediato, o doente atormentado procurou gabinetes de pesquisas e especialistas em molestias do sangue, obtendo a confirmação amarga. A' noite, insistiu para que Martinho e Dona Eulalia se reunissem na sua companhia. Estava desfigurado, em pranto. Terminada a prece do diretor da reduzida assembléia, o enfermo exclamou soluçando:

— Oh! benfeiteiros invisíveis, por quem sois, auxiliai-me no destino cruel! Que surpresa dolorosa me preparamos, dando-me conhecimento da realidade terrível!...

Mas, nesse instante, a generosa entidade de Acacio tomou o punho da médium e escreveu:

— Conforma-te, meu querido Tomé! Não querias a verdade completa, o diagnostico aproximado de tua situação organica? Não chores. Lembra-te que Jesus é o Divino Medico e não esqueças que, se tens agora a lepra do mundo, não estás esquecido pela bondade de Deus.

MANIA DE ENFERMIDADE

— Vamos Luisa! — exclamava Inácio Penaranda, dirigindo-se á esposa afetuosamente — creio estimarás o tema evangelico desta noite. Prometem-nos valiosas conclusões, relativamente á mediunidade e no seu exercício. Ao que suponho, os esclarecimentos apresentarão singular interesse para nós ambos.

Luisa apoiou o rosto na mão direita, num gesto muito seu, e disse com enfado:

— Ora, Inácio, achas que posso cometer a imprudencia de enfrentar a noite chuvosa? E a minha nevralgia? A gripe do Carlos e o reumatismo de mamãe? Não teria ouvidos para as lições a que te referes. Francamente, não posso compreender tuas boas disposições invariaveis.

Inácio aprimorava o nó da gravata e respondia:

— Compreendo os teus cuidados, mas devo lembrar que ha três anos te esquivas á minha companhia. Naturalmente, devo ser o primeiro a encarecer tuas virtudes de filha e mãe; creio, porém, que exageras o sentido das enfermidades. Em vão procuro interessar-te nos problemas da fé, inutilmente busco inclinar-te a mente para os problemas mais nobres da vida. Não sabes falar senão de doenças, insonias, ventosas, injeções e comprimidos. Vives quasi esmagada por expectativas angustiosas. A chuva aborrece-te, o frio te atormenta, o vento leve te atemoriza. Tudo isso é de lamentar, porque nossa casa não se formou no pantano da ignorancia, mas nos alicerces de conhecimentos solidos. Nossa fé consagra a iluminação intima como patrimonio mais

precioso do mundo. Porque, então, viver assim, descrente de Deus e de ti mesma?

A senhora Penaranda esboçou um gesto de sensibilidade ofendida e redarguiu chorando:

— Sempre as mesmas exortações ásperas! Quando me poderás compreender? Sabe Deus minhas lutas, meus esforços para rehaver a saúde perdida!...

— Certamente, Deus não desconhece nossos trabalhos, mas também não poderia aplaudir nossas inquietações injustificadas.

Dona Luisa cravou os olhos no companheiro, extremamente excitada, e bradou:

— Céus! Que infelicidade a minha! Que máguia irremediável! Estou só, ninguém me comprehende. Vai-me Nosso Senhor Jesus Cristo!...

Após dirigir-lhe um olhar de piedade, o marido despedia-se:

— Não precisas aumentar a lamentação. Até logo.

A companheira torcia as mãos, desconsolada; todavia, escondidos alguns minutos, correu à porta de saída, a gritar:

— Inácio! Inácio!

Ele voltou a indagar os motivos do chamamento.

— A capa! — explicava a dona da casa, ansiosamente. — Esqueceste a capa... Lembra que me sinto aniquilada. Não queiras também arruinar a saúde.

Inácio, resignado, vestiu o capote impermeável e saiu calmamente.

Aquela mania da senhora Penaranda, contudo, era muito velha. Dona Luisa não enxergava senão miasmas e pestilências por todos os lados. Embora as dores que cultivava, grande parte do dia era por ela empregado em esfregar metódicamente o assoalho, receosa do acúmulo de pó. Nunca permitia que o filho se levantasse da cama antes que o sól inundasse as dependências da casa; trazia a velha progenitora quase totalmente enfaixada num quarto escuro, rodeada de unguentos e caixas de injeções, e para si mesma descobria diariamente os mais extravagantes sintomas. Referia-se a dores nos braços, nas pernas, no rosto. Dizia-se vítima

de todos os sofrimentos físicos. A imaginação enfermiça engendrava molestias nas mais infimas sensações e, na residência dos Penaranda, nos fins de mês, as contas da farmacia superavam todas as demais despesas reunidas. Debalde o marido lhe oferecera as luzes do Espiritismo cristão, ansioso por modificar-lhe as disposições mentais. Dona Luisa furtava-se às observações mais sérias e não sabia viver senão entre sustos, pavores e preocupações. Raro o dia que ao voltar dos serviços habituais, não a encontrava o companheiro afogada em grosso costume de lá, herméticamente encapuzada na alcova, a lamentar o vento, a humidade, a nuvem...

De quando em quando, valia-se Inácio de oportunidades da conversação comum, tentando incutir idéias novas no espírito da companheira, de modo a criar-lhe ambiente diverso. A teimosa senhora não se resignava a omitir comentários a doenças de toda sorte.

Quando a situação doméstica se tornou mais grave, o chefe da família não se conteve e intimou a esposa a ocupar-se de assuntos mais elevados, compelindo-a a examinar nobres problemas espirituais e a ouvir preleções evangélicas em sua companhia.

Dona Luisa atendeu, porém, constrangidamente, a queixar-se amargurada. No curso das reuniões a que compareceu forçada pelo marido, causava compaixão a quantos lhe ouviam a palavra lamentosa. A infeliz criatura não andava; arrastava-se. Suas considerações sobre a vida eram acompanhadas de suspiros comovedores, como se a sua palestra não devesse passar de gemidos longos. Não escutava as dissertações construtivas nem participava das orações no ambiente geral. Apenas prestava atenção às consolações de Salatiél, o amável benfeitor invisível, que comparecia a quase todas as reuniões. A maneira de criança viciada a receber carinhos, cheia de noção exclusivista, Dona Luisa agarraava-se às expressões de conforto, completamente alheia aos apelos de ordem espiritual. Parecia, contudo, tão esmagada de padecimentos físicos, que a senhora Marcondes, devotada médium do grupo, se ofe-

receu voluntariamente a levar-lhe socorros espirituais na propria residencia. A familia Penaranda aceitou, sumamente reconhecida. Enquanto Inácio examinava a possibilidade da renovação mental da esposa, antegozava Dona Luisa o momento em que pudesse conversar com o Espírito de Salatiél, quase a sós, para comentar as enfermidades numerosas que lhe invadiam o corpo e lhe assaltavam o lar.

Começaram os trabalhos de assistencia, em círculo muito íntimo.

O dono da casa não cabia em si de esperança e contentamento.

Na primeira noite de orações, Salatiél discorreu sobre a Providencia do Eterno Pai e as divinas possibilidades da criatura. O verbo amoroso e sabio da venerável entidade extravazava luz de esclarecimento e mel de sabedoria. Mas, com enorme surpresa dos presentes, finda a preleção, Dona Luisa adiantou-se interpelando o instrutor invisível:

— Meu caro protetor, antes de vos retirardes gostaria de vos ouvir sobre as dores que venho sentindo no braço esquerdo.

Depois de prolongado silencio, o amigo espiritual, como o homem educado a atender uma criança, respondeu qualquer cousa que a induzia á confiança no poder divino.

A consulente não se deu por satisfeita e pediu explicações para a comichão que sentia nos pés; tambem sobre o abatimento do filhinho e um exame dos orgãos de sua velha mãe. Sentindo-se crivado de interrogações inoportunas o benfeitor invisível prometeu alongar-se convenientemente no assunto, na reunião da semana seguinte.

Com efeito, na sessão imediata, compareceu Salatiél e endereçou significativa mensagem á senhora Penaranda.

— Minha irmã — dizia êle solicitamente — não construas cárcere mental para as tuas possibilidades criadoras na vida. E' razoável que o doente procure

remédio, como o sedento se encaminha á fonte amiga que lhe desaltera a sede. Não envenenes, porém, os teus dias no mundo com a idéia de enfermidades. Porque esperar a saude completa, num plano de material imperfeito como a Terra? Se o planeta é, reconhecidamente, uma escola, é justo não possa constituir morada exclusiva de educadores. Se a reincarnação é desgaste de arestas, como aguardar expressão de pureza absoluta nos elementos em atrito? O corpo humano é campo de fôrças vivas. Milhões de individuos celulares aí se agitam, á moda dos homens nas colonias e cidades tumultuosas. Há continuos serviços renovadores na assimilação e desassimilação. Se isto é inevitável, como aguardar perfeita harmonia orgânica na máquina celular desmontável e perecível? Lembra que esse laboratorio corporal, transformavel e provisório, é o templo onde poderás adquirir a saude eterna do Espírito. Andaria acertado o crente que se deixasse deter voluntariamente no lodo que recobre as paredes da sua casa de oração, indiferente á intimidade sublime e profunda do santuário? E' justo que as figurações externas requisitem a nossa atenção, mas não podemos esquecer o essencial, o imperecível e o melhor. Pondera minhas desprestiosas palavras e liberta a mente encarcerada nas sombras transitorias, recordando o ensinamento de Jesus quando asseverou que nosso tesouro estará sempre onde colocarmos o coração.

Dona Luisa, porém, continuou impermeável ás admonestações nobres e elevadas. Não valeram conselhos de Salatiél, com amorosas interpretações do marido e dos irmãos na fé.

Os anos agravaram-lhe preocupações e manias, até que a morte do corpo se encarregou de atira-la a novas experiencias.

Qual não lhe foi, porém, a surpresa dolorosa ao ver-se sozinha, abandonada, sem ninguem?! Guardava a nítida convicção de haver transposto o limiar do sepulcro, mas continuava prostrada, experimentando vertigens, dores, comichões. Tomada de pavor, observava os

pés e mãos singularmente inchados, a epiderme manchada de notas gangrenosas dos derradeiros dias na terra. Orava, e contudo as suas orações pareciam sem eco espiritual.

Quanto tempo durou esse martirio? Luisa Penaranda não poderia responder.

Chegou, no entanto, o dia em que pôde lobrigar o vulto de Salatiel, depois de muitas lagrimas.

— Oh! veneravel amigo — exclamou a desincarnada, agarrando-lhe as mãos — por que semelhantes sofrimentos? Não é certo que deixei a experencia terrestre? Não ouvi muitas vezes que a morte é libertação?

Enquanto o generoso emissario contemplava-a compadecido, a infeliz continuava:

— Onde a justiça de Deus que eu esperava? Nunca fui má para os outros...

A' essa altura, o benfeitor espiritual tomou a palavra e esclareceu:

— Sim, Luisa, nunca foste má para os outros, mas foste cruel contigo mesma. Não sabes que toda libertação ou escravização podem começar na Terra ou nos circulos invisiveis? Sepulcro é mudança de casa, -nunca de situação espiritual. A morte do corpo não elimina o campo que plantamos. Aliás, é a sua mão que nos oferece a colheita. Preferiste a idéia de enfermidade, cultivaste-a, alentaste-a. E' natural que teu campo aqui seja o da enfermidade. Não existe outro para quem, como tu, não quis pensar outra cousa.

E, ante o olhar assombrado da infeliz, Salatiél rematava:

— Existe o Reino de Deus que aguarda a glorificação de todas as criaturas, e existem os reinos do "eu", onde nos internamos pelas criações do proprio capricho. Abandonemos os reinos inferiores das nossas ilusões, minha boa amiga! Procuremos o Reino de Deus, infinito e eterno!...

A senhora Penaranda sentiu arfar-lhe o peito, alucinada de esperanças novas.

— Leva-me contigo, generoso Salatiél! Livra-me

destes dolorosos padecimentos!... Ensina-me o caminho da Liberdade!...

O mensageiro lançou-lhe um olhar fraterno e fazendo menção de retirar-se, acentuou:

— Posso, como outrora, convidar-te, mas não posso arrastar-te. O problema pertence ao teu fôro individual. O trabalho é do teu campo. Arranca-lhe a erva daninha e semeia-o de novo. Vem conosco, Luisa. Ajuda-te. Se te sentes verdadeiramente cansada da escravidão em que tens vivido, recorda que para a libertação do espirito todo minuto é tempo de começar.